

Babi A. Sette

*o Vãã  
e me  
Esqueças*

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Érica Bombardi

**Revisão**

Cleide Salme

**Capa**

Marina Avila

**Fotos da capa**

Selenit/Shutterstock (garota)

Alexa Zari/Shutterstock (símbolo celta na pedra)

Kanuman/Shutterstock (castelo 1)

Kwiatek7/Shutterstock (castelo 2)

**Projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

---

ISBN: 978-85-7686-617-6

Copyright © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S519n

Sette, Babi A.

Não me esqueças / Babi A. Sette. - 1. ed. - Campinas, SP :

Verus, 2017.

23 cm.

ISBN 978-85-7686-617-6

1. Romance brasileiro. I. Título.

17-42689

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

# Prólogo

## *Era uma vez...*

### **GLOUCESTERSHIRE, 1861**

Havia algo de diferente no ar daquela noite; o coração de Lizzie disparou com essa certeza. A relva verde e macia tocava e envolvia seus pés descalços. Ela gostava de observar as marcas deixadas por suas pegadas no orvalho, conforme caminhava.

Havia mesmo algo de diferente no ar daquela noite. A lua brilhava de maneira gentil, deitando preguiçosa sobre a copa das árvores. Lizzie fechou os olhos quando o vento acariciou sua face, com vontade de ser notado, trazendo a fragrância doce das flores.

Ela abriu os olhos em seguida, soltando o ar pela boca.

— *Lizzie* — escutou um sussurro vindo das folhas que a brisa chacoalhava.

— *Lizzie* — a voz soou com mais força.

Um estalar de galhos chamou sua atenção para a fenda entre as árvores, o local onde sempre se dava o encontro. Ela sentiu o coração acelerado e a boca seca. Sabia que logo ele apareceria.

A jovem deu alguns passos na direção da fenda. Apesar de sempre ficar ansiosa com esses encontros noturnos, ela nunca se sentiu ameaçada. Percebeu um movimento sutil de folhas, e um vulto mesclado com o brilho da lua se tornou visível: era cinzento, enorme e imponente.

Dois olhos amarelos encontraram os seus.

— Oi — Lizzie disse, mal contendo o tremor na voz.

Ele apenas a encarou. Nunca falava nada, mas a conhecia tão bem, era como se tivessem conversado todas as noites durante os seus quinze anos de vida, durante todos os sucessivos e silenciosos encontros.

— Espere! — Lizzie exclamou quando ele se virou, mas seu pedido quase desesperado não o deteve. O lobo correu, sumindo no interior da floresta. — Ah, não! — ela disse e, puxando as saias do vestido até os joelhos, começou a correr em direção às árvores.

À medida que avançava entre galhos e pedras, o lobo cinzento espiava para trás, nunca se afastando muito de Lizzie, tampouco deixando que ela o alcançasse.

Lizzie não o perderia de vista, não ali em Dean, a tão conhecida floresta nas terras do condado de Gloucestershire, onde morou a vida inteira.

Conforme ela corria, a vegetação da floresta se transformava, dando lugar a raízes retorcidas, salpicadas de musgo, perigosamente encobertas por uma névoa prateada. Ao longe, a jovem viu uma enorme fileira de montanhas abrindo espaço entre as nuvens. Um uivo fez com que ela se detivesse, assombrada. O lobo se misturou com a neblina densa, curvou-se e cresceu de tamanho, enquanto pernas humanas surgiam entre os pelos do animal.

Assustada, deu alguns passos para trás ao notar a silhueta de um homem ganhar forma.

— Lizzie — ele a chamou e estendeu a mão, andando em sua direção.

Ela ficou sem ar. Ali, entre as brumas, estava ele. Era alto, usava um traje completo e típico das Highlands e tinha a força — Lizzie intuiu — do deus das montanhas.

— Volte para mim, Lizzie — o homem pediu antes de ser completamente envolto pelas brumas e desaparecer.

— Não vá! — ela gritou para o vale. — Não! — repetiu, derrotada e exausta.

A bruma se adensava, tornando-se espessa e sufocante, grossa como fumaça de caldeiras. Quente como respirar fogo.

Lizzie cobriu o rosto com as mãos e sacudiu a cabeça, os olhos queimavam lágrimas de frustração.

— Por que você nunca me espera? — protestou contra a paisagem oculta pela névoa.

— Lizzie — ela ouviu seu nome ser chamado novamente por uma voz distante.

— Por quê? — repetiu, desconsolada.

— Lizzie, *acorda!* — Dessa vez a voz soou mais nítida e real.

Piscou algumas vezes, ainda confusa na penumbra do quarto. Sentiu o coração desacelerar quando, ao voltar à realidade, encontrou o rosto familiar da irmã caçula, que a encarava intrigada com seus olhos verde-oliva. A lâmparina a iluminava, sentada próxima a Lizzie na beirada da cama.

Todos diziam que Eleanor se parecia com Lizzie. Porém, tirando a cor dos olhos, não havia muita semelhança entre elas. Enquanto Ellie tinha os cabelos claros como o trigo, os de Lizzie eram de uma cor indefinida, indo do acobreado ao castanho-dourado, conforme a luz do dia. Ellie era pequena e delicada, ao passo que Lizzie chegou, em uma época, a sentir orgulho de competir com o irmão mais velho não apenas pela atenção dos pais, como também pelos riscos atrás da porta, onde se mediam para saber qual dos dois havia crescido mais.

Lizzie suspirou, sentindo-se desperta. Olhou ao redor: seu quarto, bem diferente da floresta do sonho, era quente e acolhedor, com paredes cobertas por um tecido azul de seda e cortinas de veludo dourado.

— Você teve aquele sonho outra vez, não é? — Eleanor colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

O sonho com o lobo era tão recorrente que Lizzie tinha certeza de que a irmã sentia tanta propriedade sobre ele quanto ela mesma.

Aquiesceu, esfregando os olhos.

— Eu estava lendo no meu quarto e ouvi o seu grito.

Lizzie segurou a mão da irmã, que a encarava com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Meu Deus, Ellie, dessa vez foi intenso!

— O lobo e as brumas de novo?

— Sim — concordou, sentindo-se confusa. — Mas dessa vez o lobo virou um homem.

— Um homem?

Ela suspirou, recordando os manuscritos sobre o castelo de Mag Mell que seu pai lhe dera de presente alguns dias atrás.

— Acho que fiquei impressionada com uma lenda que li.

— Essa sua obsessão pela mitologia daquele povo estranho, pela Escócia, pela Irlanda... Lizzie, você tem que parar com isso — Eleanor pediu, preocupada.

Apesar de só ter onze anos, a irmã menor era tão prudente, tão cuidadosa e tão... inglesa. Claro que Lizzie também era inglesa, mais precisamente filha de um casal de duques. Porém, se pudesse escolher onde nascer, ela com certeza apontaria um clã escocês das Highlands ou uma família enorme e barulhenta da Irlanda.

Mentira.

Por mais que se divertisse com a ideia, ela não abriria mão de sua própria família enorme e barulhenta. Amava cada um dos seus quatro irmãos com paixão e sabia que não haveria no mundo casal mais perfeito para se ter como pais

que o duque e a duquesa de Belmont. Entretanto, sua família seria perfeita se não carregasse um ducado nos ombros, muitas tradições e certas obrigações... Resumindo: a família seria ainda mais extraordinária se vivesse alguns séculos atrás e se fosse celta, é claro.

— Os celtas... não são esquisitos — discordou, pegando um copo de água ao lado da cama e dando um longo gole, enquanto analisava a expressão da irmã.

— Lizzie — Eleanor apertou um pouco os dedos da mão que envolvia a sua —, você já tem quinze anos e, se não colocar freio em sua imaginação, certamente vai acabar fazendo companhia para os vasos nos salões de baile.

— Às vezes, eu acho que não fomos educadas pelos mesmos pais.

Eleanor olhou ao redor, detendo sua atenção sobre uma pilha de livros e depois sobre um maço de manuscritos cuidadosamente colocados na penteadeira, onde deveriam estar as fitas, os pentes e as forquilhas da irmã.

— Você deveria ao menos fingir que se importa em ter vida social.

— Falando dessa maneira você faz parecer tão ruim. Como se... como se dançássemos nus em noites de lua cheia, ou roubássemos objetos por diversão.

Eleanor suspirou, pesarosa.

— Sabe que eu amo você. Amo a nossa família mais que tudo e não a trocaria por nada no mundo, mas não podíamos ser um pouco mais convencionais?

— Convencionais? — Lizzie mordeu o lábio por dentro para não rir. — Que coisa mais aborrecida.

— Eu fico imaginando como será a minha estreia... Tenho tanto medo de não conseguir um bom marido.

— Você não sonha com nada mais interessante? — Lizzie se recostou nos travesseiros, intrigada.

— O que de mais interessante uma jovem pode querer além de tocar piano, se apaixonar, casar e ter filhos?

Lizzie, com ar travesso, tocou a ponta do nariz da irmã.

— Você reparou que na sua lista o piano veio antes do casamento?

— E o que tem isso?

— Prova que o seu amor pelas artes ou pela música vem antes do dever.

— Casamento não é um dever, Lizzie. — Eleanor enrugou a testa. — É... é o sonho de qualquer moça.

— Não é o meu sonho.

— Pense comigo — Ellie acrescentou, suspirante —, o que pode ser melhor que passeios ao luar, poemas de amor, flores e, claro, um cavalheiro perdidamente apaixonado por você?

— Arte, lugares para se conhecer e... celtas.

Eleanor balançou a cabeça.

— Eu deixo essa fixação pelas culturas antigas com você, mamãe e papai, que vivem enfiados entre livros empoeirados e manuscritos caindo aos pedaços. Três pessoas excêntricas em uma família de sete é mais que suficiente.

Apesar do jeito sisudo de Eleanor, ela era uma romântica incurável. Enquanto reclamava sobre as supostas esquisitices da família, ela mesma não se comportava de maneira tão convencional ao dormir abraçada com novelas românticas, muitas das quais proibidas para jovens damas.

— Sabe que, se não fosse o fato dos nossos pais serem tão liberais, você jamais teria as suas novelas, e o seu tão sonhado casamento por amor seria transformado no enlace com o velho de maior título do mercado — disse Lizzie. — Além disso, você é filha de um duque, e as pessoas parecem notar isso apenas quando estão conosco.

— Acho que você tem razão. — A irmã se espreguiçou e levantou. — Vou voltar ao meu quarto e à minha leitura.

— E eu vou dançar nua ao luar.

A boca de Eleanor se abriu em um enorme O.

— Você não se atreveria... — ela murmurou, incerta.

— Será? — indagou Lizzie, em tom provocativo. — Os celtas faziam isso.

— Por isso estão todos mortos e há muitos anos.

— Por dançarem nus para a lua? — Lizzie riu com gosto.

— Por serem tão selvagens.

— Eles não eram selvagens — ela franziu o cenho —, apenas viviam de um jeito diferente do que vivemos.

— Sim, de um jeito depravado.

— Você sabia que os celtas não falavam “olá” ao cumprimentarem uma pessoa?

Eleanor torceu a boca, com desdém.

— Aí está, eram tão bárbaros que nem sequer sabiam iniciar uma conversa.

— Eles não falavam “olá” — Lizzie recomeçou, enfática. — No lugar, diziam *Dia Dhuit*.

Ellie torceu ainda mais a boca.

— Credo!

— É uma bênção em gaélico — disse, como se fosse óbvio. — Significa “Deus está em você”.

— E por isso não eram bárbaros?

Lizzie bufou, impaciente.

— Um povo que reconhece e saúda o sagrado que mora dentro de cada pessoa é tudo menos selvagem.

Eleanor a contemplou um tempo em silêncio antes de dizer:

— Para mim ainda parecem bastante estranhos.

— Você deve ter sido morta por um celta em uma vida passada — declarou antes que a irmã saísse do quarto.

— Cruzes, Lizzie! — Eleanor exclamou, apavorada. — Não comece com essa história de vidas passadas, isso me dá arrepios.

— E eles não estão todos mortos! — Lizzie concluiu, em um tom mais alto, a fim de que a irmã a ouvisse.

Ela sabia que a cultura celta podia ter praticamente desaparecido da face da Terra com o seu povo. Mas acreditava que, enquanto houvesse pessoas que os estudassem e tentassem compreender sua cultura intrigante e maravilhosa, os celtas viveriam.

Bocejou, espreguiçando-se ao levantar da cama. O sonho daquela noite havia sido dos mais intensos que já tivera. Apontou para os manuscritos em cima da penteadeira.

— É culpa sua — disse para um dos papéis amarelados, lembrando a vívida imagem do homem-lobo envolto pelas brumas. Esfregou os braços, espantando uma onda de arrepios. — É só uma lenda — afirmou, pegando o manuscrito de cima da pilha.

Antes de voltar para a cama, Lizzie aumentou a luz da lamparina na mesa de cabeceira. Cobriu-se com a colcha bordada e aconchegou a cabeça na pilha de travesseiros macios. Suspirou, com o coração acelerado.

Leria uma vez mais e trataria de esquecer essa história.

### *A lenda do castelo de Mag Mell*

*Um conde inglês rico e poderoso que viveu no século XV era frio, rude e pensava apenas em seu próprio bem. Foi assim até o dia em que conheceu uma jovem que mudaria toda a sua vida. Eles se apaixonaram como amantes predestinados. Porém a jovem era uma sacerdotisa da antiga religião celta e foi perseguida, julgada e acusada pela Igreja por praticar feitiçaria. Nem todo o poder do conde foi o bastante para conseguir a liberdade de sua*



amada. A jovem morreu como ninguém jamais deveria: queimada no fogo dos medos e da intolerância.

O conde, guiado pela paixão, encontrou um terreno isolado, no topo do mundo e no meio das nuvens. Ali, a um passo das portas do céu, ergueu um castelo em homenagem à fé de sua querida companheira. Fez isso com a esperança de que, ao dar prova suficiente aos deuses celtas de seu amor e sua devoção, eles trouxessem sua amada de volta à vida.

Lizzie engoliu em seco, um pouco nervosa, e apertou os dedos entre as folhas antes de retomar a leitura:

Os anos se passaram e a jovem sacerdotisa nunca voltou das cinzas. O conde enlouqueceu de amor e, em sua insanidade, realizou um ritual proibido pelos deuses. Ele usou da sabedoria celta para um propósito egoísta e bebeu da fonte da vida eterna. Sua vingança era se tornar imortal. Se os deuses eram incapazes de trazer sua amada de volta, ele iria aguardar pela volta dela.

Os deuses, enfurecidos com a ousadia do conde, castigaram-no. Ele foi condenado a viver eternamente com metade de sua alma presa no corpo de um homem e a outra metade no corpo de um lobo. E assim deveria permanecer até que alguém amasse as duas metades em igual medida: a parte homem e a porção lobo, com seus instintos e sua vida selvagem.

Lizzie abaixou o manuscrito, sentindo o coração disparar com as lembranças vívidas do sonho.

— Estou impressionada, é isso — afirmou.

Colocou a folha sobre a mesa lateral e diminuiu a lamparina. Fechou os olhos e ouviu em sua mente uma voz forte como deveriam ser os trovões das Highlands:

— Volte para mim, Lizzie.

# 1

*O gaélico da Escócia veio da Irlanda no século V e logo se tornou a língua mais falada no país, até mesmo pelos reis.  
Nota: Eu adoraria que Henrique sussurrasse juras de amor em gaélico para mim enquanto dançamos.*

— DIÁRIO DE ESTUDOS DE ELIZABETH HAROLD, 1863

## LONDRES, 1863

— Lizzie, escute essa parte — Ellie pediu, lendo o livro sobre o colo. — “Uma dama não pode jamais hesitar, nem por alguns segundos, sobre qual o comportamento correto a ser adotado em cada situação. A hesitação certamente causaria muito desconforto a quem lhe fizesse companhia. E, se há algo que uma verdadeira dama nunca deve fazer, é deixar qualquer pessoa desconfortável em sua presença.”

Lizzie se esforçou para não bufar. A irmã apenas enrugou um pouco a testa e retomou a leitura:

— “Para uma jovem dama, seguir regras de conduta apropriadas deve ser tão natural quanto respirar.”

— Sim — Lizzie fez uma careta, concordando —, natural como respirar dentro de um espartilho apertado.

— Você reclama, mas não há um dia sequer em que não me conte sobre os bailes a que vai e sobre como tem se divertido.

Apesar de se queixar, Lizzie não desrespeitava as regras. Como era a primeira filha com idade para circular na sociedade, ela deveria agir apropriadamente, senão arruinaria não apenas sua reputação, mas a de sua família, e devastaria os sonhos de sua irmã de conseguir um bom casamento. Mesmo sendo liberais, os pais, de certa maneira, esperavam que ela seguisse as tradições inglesas. Lizzie as seguia, contudo não vivia apenas por elas, como faziam muitas jovens.

Ela se apaixonara pela cultura celta havia seis anos e descobrira nas tradições daquele povo uma maneira mais simples de apreciar a vida. A curiosidade despertada pelo sonho com o highlander ampliara seus interesses, fazendo com que ela estudasse também os povos da Escócia pós-céltica.

Lizzie voltou sua atenção para a sala. No canto da estante de mogno, cheia de livros, a luminária de vidro de Murano comprada em Veneza refletia os raios de sol em dezenas de pontos coloridos. A biblioteca tinha cheiro de papel envelhecido, carvalho e fumo. Eram aromas masculinos, mas que sempre a lembravam dos seus estudos. Ela amava aquele cômodo na propriedade da família em Londres. Adorava passar férias naquela casa, que, por ser muito menor do que o palácio ducal, era também mais aconchegante, intimista e acolhedora.

A família toda passava a temporada na cidade e, apesar de não poder participar dos bailes por ter treze anos, Ellie adorava ouvir Lizzie contar sobre as experiências vividas durante os concorridos eventos da temporada.

— Se não fossem os bailes, já que eu realmente gosto de dançar — Lizzie torceu a boca —, isso tudo seria uma tortura.

Ellie lhe lançou um olhar descrente.

— Ora, Lizzie, pare de ser tão turrona... Se não é capaz de admitir a sua diversão durante essas semanas, ao menos não reclame mais.

— Diversão? — Arqueou as sobrancelhas. — É início da tarde, e sabe quantas vezes já troquei de vestido?

Ellie revirou os olhos.

— Humm?

— Três... Esse é o terceiro vestido do dia; houve o de montaria, e o do passeio no parque, e este é o vespertino.

— Algumas damas dariam o dedos dos pés para ter a sorte de estreamem na sociedade com um guarda-roupa tão completo como o seu.

— Penso em Camille — replicou Lizzie. — A pobre camareira nunca trabalhou tanto na vida. Hoje pela manhã, ela estava tão cansada que nem percebeu quando tentou vestir os calções pela minha cabeça, no lugar da camisa.

Ellie gargalhou sem se conter.

Lizzie mirou a pilha de manuscritos sobre a mesa de centro, com um suspiro condoído.

— Eu gasto em média quatro horas por dia entre penteados e trocas de roupa. O restante do meu tempo devo distribuir pelos quatro ou cinco compromissos diários.

Ellie deu um sorrisinho zombeteiro.

— E me explique: quão ruim é ser cortejada pelo partido mais disputado da temporada?

Lizzie franziu a testa, ainda encarando os manuscritos.

— Chegamos há quase trinta dias, e nesse tempo eu só consegui analisar dois desses vinte documentos novos... E isso porque agora Henrique se senta para ler comigo.

— Ah, Lizzie, não me diga que você está submetendo o pobre marquês à sua obsessão?

— Não faça essa cara, como se eu estivesse arrancando os dentes dele. Ler é ampliar a visão de mundo. Além do mais, ele gosta.

Ellie lhe lançou um olhar de descrença.

— Duvido.

— Ontem mesmo ele me trouxe este livro maravilhoso de presente. — Lizzie dobrou o corpo e pegou o livro ao seu lado.

— Um guia completo sobre os clãs da Escócia? — a menina leu o título, com uma careta.

Lizzie acabou achando graça da expressão da irmã.

— Você pode não acreditar ou não entender, mas ele gosta tanto de me ouvir falar sobre meus estudos que me propôs ficarmos aqui durante as tardes, lendo um para o outro.

— E deixar de ir ao baile? — A irmã se espantou.

Lizzie apoiou o livro no colo.

— Ah, não. Dançar é a única parte boa da temporada.

— Eu adoraria dançar valsa.

— Polca e two-step são igualmente divertidos.

— Eu adoraria valsar com um cavalheiro como Henrique — Ellie disse, com ar sonhador.

Lizzie sentiu as bochechas esquentarem com a lembrança da última valsa dançada com Henrique, no dia anterior. Ele a enlaçou com delicadeza e intimidade. Era fácil perder o ar somente com a lembrança. Apontou para o relógio ao lado da mesa lateral: faltavam dez minutos para as quinze horas.

— Por falar em Henrique, ele logo deve estar aqui.

— Tão pontual, tão correto, tão dentro das regras que você adora menosprezar — Ellie comentou, bem-humorada.

— Eu não adoro menosprezar, acho apenas que existem outras maneiras de encontrar a felicidade sem ser seguindo regras de etiqueta... E, além do mais, Henrique é diferente.

Ellie ergueu um pouco as sobrancelhas.

— Diferente como?

— Ele não tem medo de que eu pense — Lizzie disse.

A irmã gargalhou.

— Você deve saber — Lizzie se justificou — que a maioria dos homens não gosta de mulheres que tenham opinião própria.

— Se ele aguenta você falando sobre os seus estudos e ainda se mostra interessado, realmente está apaixonado por você.

— Pobre homem — disse uma voz forte, ao batente da porta.

Lizzie virou-se e lá estava seu irmão mais velho, Arthur Steve, sorrindo. Steve, como era chamado por todos, as acompanhava em Londres desde o início da temporada. Lizzie mostrou a língua, respondendo à provocação.

— Muito maduro — o irmão disse, avançando sala adentro. — Oi, fadinha. — cumprimentou Ellie com carinho.

— Boa tarde, Steve. — Ela o beijou no rosto.

— Oi para você também — brincou Lizzie e levantou-se a fim de também cumprimentar o irmão.

Ele pegou a mão dela, surpreendendo-a, e beijou a ponta dos seus dedos como um cavalheiro exemplar.

— Oi, lobinha — disse, com um sorriso contido. — Ou devo chamá-la de milady Devonport?

— Não seja bobo, você pode me chamar de lady loba.

Steve e Ellie gargalharam.

O irmão mais velho tinha a mania de dar apelidos para todos da família. Eleanor era fadinha porque, quando menor, vivia brincando de voar pelos cantos da casa com asas de penas que ela mesma montava.

Lizzie assumiu com orgulho o seu apelido. Para Steve ela era a *lobinha*, não apenas por causa dos sonhos que aconteciam desde que se lembrava por gente, mas principalmente porque, em todas as brincadeiras que faziam quando crianças, ela queria ser um lobo.

Não importava o tema escolhido, Lizzie só aceitava brincar quando convenia o irmão de que um pirata de verdade poderia ter um lobo, ou de que o lobo era o animal perfeito para acompanhar os grandes generais romanos em batalha, ou mesmo que gigantes, deuses nórdicos ou gregos não saíam de seus reinos sem um lobo.

— Estou realmente torcendo — disse Steve, despertando-a do seu devaneio.

— Para quê? — Lizzie perguntou em unísono com Ellie.

— Para que você leve o título mais disputado da temporada logo, milady loba Devonport, e me libere da obrigação de acompanhá-la aos eventos mais tediosos já celebrados pela humanidade.

Lizzie riu ao lembrar as últimas duas noites em que o irmão a acompanhara. Em mais da metade do evento, ela o vira ser afogado por um mar revolto de babados, rendas, sedas e risadinhas frívolas de debutantes e mães casamenteiras.

— Ou então — prosseguiu Steve, com ironia — tomara Deus o cabideiro chegue logo do Colégio Eton e me conceda alforria.

— Steve! — ralhou Lizzie, sem conter a risada. — Você tem que parar de chamar Leonard desse jeito. Os cabideiros, apesar de segurarem as casacas com bastante competência, não são lá muito simpáticos.

Ellie e Steve riram alto, divertindo-se.

— E que culpa eu tenho se Leonard engoliu dois deles ao nascer, e tampouco é muito simpático? — perguntou Steve, sem deixar de sorrir, e olhou através da janela grande como se buscasse alguém. — E o dr. Frankenstein, onde está?

Esse era o apelido do irmão caçula, Edward.

Ellie fez uma careta de nojo.

— Edward?! Como sempre, deve estar buscando algum anfíbio ou inseto horrroso para dissecar, estudar, desenhar, anotar e só Deus sabe mais o que ou por quê. Você é muito bom para inventar apelidos, Steve — ela comprovou, descontraída. — O de Edward é perfeito, e o de Leonard então... Ele é o exemplo da arrogância e prepotência aristocrática. Somente o herdeiro do ducado de Belmont poderia vestir casacas de maneira mais rígida que um cabideiro — disse e riu outra vez.

Lizzie olhou de lado para o irmão. Ele tentou exibir um sorriso animado pela brincadeira de Ellie, mas acabou por falhar.

Ela sabia o que se passava com o humor dele. Apesar de ser o primogênito, Arthur Steve nascera antes de os pais se casarem, portanto não herdara o título. Lizzie tinha certeza de que o irmão não se importava com ser ou não o futuro duque de Belmont. Não era isso que o incomodava. O que ele não conseguia tolerar era o desprezo dirigido a ele por certas pessoas da sociedade, que o tratavam com calculada frieza, apenas por ele ter cometido o desaforo de nascer antes de os pais estarem oficialmente casados. Como se fosse culpa dele.

— Steve, sabe que eu te amo, mesmo você sendo tão chato, não sabe? — Lizzie tentou descontraír o clima da conversa.

— Sei, e acho melhor você se arrumar, lobinha — replicou ele. — Daqui a pouco o seu marquês vai chegar e nós não queremos deixá-lo esperando. Você entende, afinal se ficar noiva eu terei a minha...

— Apreciada liberdade para se perder em pubs ou casas de reputação duvidosa, ou onde mais você se esconda em suas noites livres — Lizzie o interrompeu e saíram os três rindo da sala íntima, divertindo-se com as brincadeiras em comum, como apenas irmãos que se amam saberiam fazer.



Quando entraram na varanda, depois da valsa, Lizzie estava um pouco tonta e sem ar. Mais uma vez dançar nos braços de Henrique a deixou leve e feliz.

Ela se lembrou do beijo.

Antes do baile, durante a tarde, Henrique a surpreendera com uma visita e com o beijo. Aquela era a primeira vez que ficavam a sós, e ele não perdera nem um minuto. Mal a porta foi encostada, ele avançou com fúria apaixonada sobre os seus lábios. Lizzie nunca havia sido beijada daquela maneira. Na verdade, nunca havia sido beijada. Com rubor nas faces, lembrou quanto se derreteu nos braços dele.

Abanou-se. Parecia que nem o ar fresco da varanda podia acalmar sua respiração. Ela acreditava que ele a beijaria outra vez. Deveria se sentir um pouco envergonhada por desejar daquela maneira quase evidente mais um, dois ou três beijos. Mas tudo aquilo era tão novo e extraordinário.

Nunca antes ela sonhara com amor romântico, nem com beijos roubados em um jardim, nem com casamento, flores e poemas recitados. Lizzie suspirou. Estava feliz e gostava tanto da companhia do jovem que só podia concluir uma coisa: por mais irreal que parecesse, ela estava se apaixonando por Henrique.

Eles caminharam, afastando-se um pouco das luzes vindas do salão. O coração de Lizzie batia mais forte a cada passo.

Henrique a puxou pela mão e a conduziu até o vão entre duas colunas largas. Lizzie se arrepiou ao sentir a respiração quente dele roçando seus lábios.

— Minha querida Lizzie, eu quero beijá-la outra vez... Posso?

Incapaz de falar e com a respiração acelerada pela expectativa, ela assentiu.

O marquês envolveu sua nuca delicada com as mãos e pressionou a boca contra a dela. O encontro de seus lábios alternava carícias leves e urgentes, vigorosas e também lentas, de maneira quente e sensual. Antes que percebesse, Lizzie tremeu de prazer, fazendo com que o marquês sorrisse.

— Tão linda — murmurou ele —, tão doce e ingênua.

Henrique a envolveu mais, deslizando uma das mãos do quadril até as costelas, enquanto os lábios provavam a pele do rosto e a maciez da curva do pescoço. Lizzie se entregava a essa paixão, sua pele formigava a cada toque novo, a cada sensação despertada em seu corpo.

— Minha querida — disse ele com a voz rouca —, nós temos que parar.

Lizzie concordou, atordoada.

Ele encostou a testa na dela ao dizer:

— Eu não vejo a hora de você ser minha, mas precisamos agir de forma honrada.

Ela sentiu o calor das bochechas se espalhar pelo colo. A vaga luz das tochas no jardim tremeluzia em reflexos alaranjados sobre os cabelos loiros e rebeldes do marquês. Ele era um homem alto e atraente, com expressão marcante e olhos azuis intensos.

Lizzie o desejava, tinha certeza disso. Henrique lhe mostrava a paixão que podia existir entre um homem e uma mulher.

— Eu estou apaixonado por você, Lizzie — confessou ele, em tom de voz suave.

O coração dela disparou.

— Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu...

— Espere! — Henrique se ajoelhou a seus pés e segurou as duas mãos pequenas entre as dele. — Você quer se casar comigo? Aceita ser minha marquesa?

O coração de Lizzie ameaçou sair pela boca, de tão forte que batia.

Ele beijou as mãos dela com reverência amorosa.

— Se você disser sim, eu falarei com seu pai amanhã mesmo.

Um longo silvo e o som de explosão fizeram Lizzie e o marquês emudecerem e olharem para cima, enquanto fogos de artifício explodiam no céu noturno. Lorde Dudley fazia questão da queima de fogos em sua casa como uma das etapas da comemoração de seu aniversário.

— Sim — Lizzie respondeu, emocionada, recoberta pela luz dourada, azul e vermelha de mil estrelas arrebentando no céu.

Henrique a abraçou com ternura infinita, e eles ficaram assim até a queima de fogos terminar. Enquanto as pessoas voltavam para dentro do salão, ele a beijou na testa e nos lábios, de leve.

— Você fez de mim o homem mais feliz do mundo, minha Elizabeth.

De braços dados, saíram da varanda em direção ao baile. Lizzie, naquele momento, acreditou em todas as tolices românticas que sua irmã Ellie jurava tornarem qualquer pessoa feliz.





Lizzie ainda estava entorpecida com os beijos e com o pedido de Henrique, pouco antes na varanda. Assim que entraram de volta ao salão, ele a levou até a sala onde as damas se reuniam para descansar, alegando ter de conversar com lorde Dudley sobre negócios. Henrique por certo iria fumar um charuto, beber um pouco e então voltaria a tempo de dançarem mais uma valsa.

Lizzie suspirou, não conseguia se conter. Henrique se ajoelhando e a pedindo em casamento era a imagem que voltava, aquecendo seu coração.

Ela realmente estava noiva, é claro que não oficialmente, mas em breve todos saberiam. Justo ela, que nunca havia sonhado com isso. O amor nunca esteve em seus planos, não tão cedo ao menos. Nunca poderia imaginar que se sentiria assim um dia, amando, sendo amada, derretendo-se ao ser enlaçada por ele e por seus beijos. Suspirou e tocou os lábios, ainda sentindo o ardor das carícias trocadas.

Sorriu, notando que sua mãe, do outro lado do salão, a admirava. Kathelyn, duquesa de Belmont, tomava chá com um grupo de amigas e, sem dúvida, havia notado algo diferente na filha. Lizzie, ao longe, cumprimentou-a com um tímido aceno. Pretendia se aproximar, pedir para a mãe a acompanhar até a varanda, para enfim contar a novidade. Tinha certeza de que ela ficaria fe...

— Você não sabe o que descobrimos! — lady Melissa segurou seu braço e sussurrou em seu ouvido.

Lizzie estava com os pensamentos tão distantes que nem vira a dama se aproximar.

— O quê? — perguntou, curiosa.

Lady Melissa se tornara uma companhia constante nos eventos que Lizzie vinha frequentando. A jovem era engraçada e espontânea. Lizzie acreditava que, com o tempo, elas poderiam se tornar boas amigas.

— Venha ver — disse a lady, dando uma risadinha e a puxando pela mão, juntando-se às quatro amigas inseparáveis. — Vamos! — incentivou-a, baixinho, ainda a puxando.

O grupo seguiu por um corredor pouco iluminado até encontrar uma porta dupla fechada.

— Espie pela fechadura — sugeriu a lady, com um riso contido nos lábios.

— Mas o que é? — Lizzie sussurrou, entre confusa e curiosa.

— Um cavalheiro tendo um encontro secreto com uma dama.

Lizzie arregalou os olhos, surpresa.

— Vamos, veja logo! — disse Cristine, uma das jovens do grupo. — Nós também queremos espiar!

Com o coração disparado, Lizzie olhou através da grande fechadura. Atrás dela, risadinhas nervosas continuavam rompendo o ar. Ela não soube por que aceitara fazer isso, nunca fora movida por esse tipo de curiosidade. É claro que nunca tivera uma oportunidade dessas antes, mas o fato é que... o fato é que...

A luz das velas no aposento revelava duas pessoas no sofá mais próximo da porta: nus, um homem atlético e musculoso e uma mulher curvilínea, com a pele clara de alabastro. Era loira, cabelos platinados, e estava montada em cima dele.

Lizzie sentiu as bochechas esquentarem. Espionar aquilo não era certo.

As mãos grandes agarravam as nádegas da loira, impulsionando-a para baixo e para cima, entre gemidos de prazer.

Invadir a intimidade de alguém dessa maneira não era certo. Era absurdo e repugnante. Pensou que veria apenas um casal se beijando, mas aquilo... Ela não havia raciocinado. Apenas seguira as amigas e agira por impulso. Estava a ponto de se afastar, sentindo-se mal e envergonhada, quando escutou a voz daquele homem.

— Senti tanta saudade, meu amor — ele disse, enrouquecido.

Aquela voz.

Lizzie tremeu e seu coração se acelerou no peito.

A mesma voz que havia pouco lhe fazia juras apaixonadas.

Em um movimento rápido, o homem ergueu a mulher, deitando-se por cima dela. Ela o segurou para um longo beijo, seus dedos brancos contraídos entre os cabelos dourado-escuros que Lizzie acariciara havia pouco.

Ele abriu os olhos, pressionando a mulher com mais força contra o corpo. Os mesmos olhos azuis que a pediram em casamento, sombreados de emoção, pesavam de desejo por outra.

Lizzie soltou o ar, arfando; ainda tinha o cheiro dele em sua pele, em seus cabelos. Sentiu-se suja e pequena.

Henrique beijou com fúria a curva do ombro da mulher. Ela sentiu o gosto da boca dele na sua. O estômago embrulhou, as pernas fraquejaram.

Não. Não podia ser.

Ela procurava provas que não existiam. Aquele homem, tão igual a seu Henrique, devia ser outro, era outro homem qualquer. Lizzie, em choque, acreditava que seus olhos lhe tivessem pregado uma peça.

Mas não conseguia se afastar. Se pudesse ver melhor, tinha certeza de que descobriria ali outra pessoa, poderia assim transformar aquele pesadelo e recuperar o seu sonho de felicidade.

Mas o pesadelo não se desfez.

Entre a luz das velas e o metal da fechadura, seu coração encolheu, ficou sem som, foi trancado.

Com as mãos espalmadas, Lizzie se afastou da porta. Virou-se para as damas que a encaravam com olhos redondos e enormes.

— Lizzie, você está bem? — perguntou uma delas, nem sabia qual.

— Lizzie, minha querida, o que foi? — Ela olhou perdida para lady Melissa e jurou ver o risco de um sorriso nos lábios cheios.

Incapaz de falar, negou, meneando a cabeça. Lady Melissa correu para a fechadura, para, em seguida, se voltar ao grupo de damas exibindo uma consternação forçada no rosto.

— Oh, meu Deus! — exclamou Melissa baixinho. — É lorde Devonport... Eu achei que ele a pediria em casamento esta noite, Elizabeth! Pobrezinha.

Lizzie fez outra negação involuntária com a cabeça.

— Oh... não fique triste. Os homens são assim mesmo. Não se aborreça — continuou a lady, com uma ruguinha entre as sobrancelhas.

Lizzie deu dois passos para trás, tonta. Lady Melissa a observava, e as outras damas se revezavam para espionar através da fechadura.

Melissa tocou no seu ombro de leve.

— Soube que até mesmo o príncipe consorte da rainha tem uma saleta íntima no Royal Opera, exclusiva para suas aventuras amorosas... Você ainda pode ser a feliz lady Devonport, querida Lizzie, basta fingir ingenuidade, percebe? Se é que você me entende. — Lady Melissa riu e as outras damas a imitaram.

Entre desmaiar, espancar lorde Devonport e a loira, matar lady Melissa e suas seguidoras ou até mesmo acabar com todos eles juntos, Lizzie preferiu sair correndo em direção ao salão.

Queria ir para casa, fugir de Londres e nunca mais voltar.

Como era possível? Como? Por que ele fizera isso? Por quê? As perguntas martelavam ao ritmo descompassado de seu coração, envenenando seu sangue com o eco das juras de amor trocadas havia pouco na varanda.

— Eu quero ir embora — pediu assim que encontrou Steve e os pais, em um dos cantos do salão. Nem soube como teve forças para chegar até eles.

— Lobinha, o que houve? — perguntou Steve, em alerta.

— Eu não estou me sentindo muito bem, eu... — Os lábios tremeram. — Leve-me para casa, por favor, papai — pediu, sem nem ao menos responder ao irmão.

— Vamos, vamos agora mesmo — o pai afirmou, oferecendo-lhe o braço, enquanto Steve envolvia a cintura dela, dando-lhe apoio com o próprio corpo ao cruzarem o salão.

Pouco antes de entrarem na carruagem, a mãe segurou a mão dela e sussurrou:

— Vi você agora há pouco na sala das damas, sorridente e corada, e então saiu com lady Melissa e as amigas dela para voltar mais pálida que uma vela.

Lizzie encontrou acolhimento e conforto no olhar materno.

— Sim, mamãe, é verdade — respondeu com esforço para não chorar.

— Chegando em casa, vamos conversar somente nós duas.

— Está bem, mamãe — disse e entrou na carruagem.

Quando encostou a cabeça no vidro da janela e o interior do veículo escureceu, Lizzie sentiu as lágrimas rolares, incontidas e abundantes. Sem fazer som nenhum, chorou até chegarem em casa.



Lizzie procurava se tranquilizar. Havia chorado tanto que os olhos ardiam. A mãe insistira para que ela ficasse mais tempo na banheira. A água morna e o aroma suave de lavanda das espumas estavam realmente acalmando seus nervos. A mãe penteava os cabelos de Lizzie com carinhoso cuidado.

— Como eu pude acreditar nele tão piamente, mamãe?

Contara havia pouco o que acontecera mais cedo durante o baile. A mãe a ouvira em silêncio, deixando a escova deslizar pelos fios de seus cabelos.

Agora, só se podia escutar o barulho da água, ondulando levemente na banheira, e a respiração entrecortada de Lizzie.

— Você não tem culpa — a duquesa disse por fim.

Lizzie voltou a chorar.

— Eu fui tão tola — soluçou. — Achei que estivesse... acho que estou apaixonada.

— Muitas vezes entregamos o coração para a pessoa errada. Somos feridas, ficamos fragilizadas. Achamos que nunca mais seremos capazes de sentir algo de verdadeiro por alguém novamente.

Lizzie fungou.

— Tenho certeza de que jamais me permitirei sentir algo e...

— Mas, na verdade — a mãe a interrompeu docemente —, com isso o coração está aprendendo uma valiosa lição: a de reconhecer quando surgir a pessoa certa.

Lizzie passou os dedos nos olhos.

— Acho que a lição que meu coração aprendeu foi a de nunca mais se entregar tão cegamente. Ou, talvez — soluçou baixinho —, a de nunca mais se entregar de forma alguma.

A escova deslizou por seus cabelos mais algumas vezes.

— Minha filha... se há algo que a vida me ensinou é que nós não podemos nos culpar pelos atos dos outros, mas podemos escolher como reagir diante daquilo que nos acontece. Quase nunca é uma escolha fácil, mas sempre é corajosa.

Lizzie virou o rosto para a mãe, sem conseguir parar de chorar.

— Mas dói tanto, mamãe.

— Vai passar, minha filha... vai passar.

Lizzie inspirou longamente, sem se convencer disso.

— Ele virá me procurar amanhã, para falar com papai. Ele não sabe que eu... O que devo fazer?

— Acho que lorde Devonport chegará aqui com muita sede.

Confusa, Lizzie aguardou que a mãe concluísse seu pensamento.

— Mate a sede dele arremessando em sua cabeça o bonito arranjo de flores do aparador. Não há nada mais apropriado para uma jovem fazer em uma ocasião como essa.

Lizzie conseguiu sorrir entre lágrimas, e a mãe beijou sua cabeça com carinho.

— Tudo ficará bem, minha filha.

A moça recostou-se na banheira. O coração doía tanto que, mesmo diante das palavras de conforto ditas pela mãe, tinha apenas uma certeza: nunca mais queria passar por nada parecido.

*Nunca mais*, jurou em silêncio.